

OPINIÃO

A inteligência artificial e a democratização dos serviços públicos

Delza Assis (*)

O Brasil é um país conectado. Segundo o estudo "Uso De Serviços Digitais - Um Retrato Do Brasil", do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), mais de 90% da população brasileira adulta utilizou a internet nos últimos meses de 2024, e 84,8% o fez diariamente.

Apesar da alta conectividade, os meios de acesso representam grande discrepância: dessa mesma população, 94,2% possuem acesso a smartphones, enquanto apenas 33,7% possuem computadores ou notebooks em suas casas.

Ainda de acordo com o BID, aproximadamente 53,7% das pessoas com internet fixa em casa relataram enfrentar lentidão na conexão ao menos uma vez por semana. No caso da internet móvel, pouco mais de 36,9% dos usuários que utilizam esse serviço em casa disseram ter atingido o limite do pacote de dados nos últimos três meses, o que os impediu de se conectar ao menos uma vez durante esse período.

Atualmente, cerca de 90% dos serviços federais estão disponíveis de forma digital. Nesse sentido, com a digitalização se intensificando cada vez mais nos setores públicos, a tecnologia pode se tornar excludente quando as formas de conexão não são acessíveis para toda a população.

Um fator adicional que limita o acesso é o custo dos dados móveis. Segundo um levantamento do Idec (Instituto de Defesa de Consumidores) com o Instituto Locomotiva, a falta de franquia de dados limita o acesso a serviços públicos e benefícios sociais: entre os usuários das classes C, D e E, 39% afirmaram ter deixado de acessar políticas públicas devido à ausência de conexão 3G/4G no celular, sendo que 33% deixaram de acessar serviços públicos.

Além disso, a simples falta de familiaridade com plataformas complexas afasta parte da população. O estudo do BID menciona ainda que, 18,0% das vezes, a dificuldade no uso dos serviços digitais foi o segundo motivo pelo qual os cidadãos não obtiveram sucesso.

Dante desse cenário, oferecer serviços públicos por meio de canais gratuitos e uso simplificado parece ser a solução ideal para contornar a desigualdade digital. Essa população, que possui apenas smartphone e que tem maior probabilidade de ficar sem dados móveis, poderia, por exemplo, ter acesso ao atendimento por meio de um canal simples e comum, como o WhatsApp – aplicativo utilizado mensalmente por 147 milhões de brasileiros, de acordo com a plataforma Statista.

O Brasil é o segundo principal mercado do app, e o ponto-chave é que seu uso não consome a franquia de dados em alguns planos pré e pós-pagos das principais operadoras do país: Claro, TIM e Vivo. A prática, chamada de zero rating, consiste na concessão de acesso isento de cobrança a alguns

serviços digitais específicos.

Ademais, o uso do WhatsApp é extremamente intuitivo e, por isso, solicitar atendimento em um órgão público pode ser feito por meio de uma simples notificação. Isso porque ao incorporar a Inteligência Artificial ao canal, é possível oferecer suporte, automatizando funções por meio de mensagens de texto e voz.

Imagine um cidadão que precisa agendar uma consulta médica ou solicitar um documento e, no lugar de navegar por sites burocráticos, tem a possibilidade de enviar uma mensagem pelo WhatsApp, plataforma que ele já domina. Uma IA treinada compreende a solicitação, orienta o usuário e resolve a demanda em poucos passos. Essa abordagem não apenas agiliza o processo, mas também democratiza o acesso, incluindo aqueles que não têm confiança ou recursos para lidar com sistemas tradicionais. O WhatsApp, presente em quase todos os celulares, torna-se assim uma porta de entrada natural.

Por outro lado, a gestão pública também se beneficia. Municípios, especialmente os menores, enfrentam desafios como a falta de integração entre sistemas, baixa cultura digital entre servidores e investimentos insuficientes em tecnologia. Nesses casos, a IA pode auxiliar na automatização de tarefas repetitivas, liberando equipes para atividades estratégicas e reduzindo custos operacionais. Plataformas baseadas em nuvem, já adotadas por parte das prefeituras, mostram que a transformação digital é possível, mesmo em contextos com recursos limitados.

Nesse sentido, o potencial da inteligência artificial na gestão pública vai além da eficiência. Trata-se de inclusão. Ao adaptar tecnologias avançadas às realidades locais, é possível garantir que serviços essenciais cheguem a todos, independentemente da familiaridade com a tecnologia ou da localização geográfica. O exemplo de cidades que já utilizam soluções digitais mostra que, quando bem implementadas, essas ferramentas geram economia, transparência e, acima de tudo, a satisfação do cidadão.

O caminho para uma gestão pública verdadeiramente digital e acessível passa pela combinação de inovação e pragmatismo. Desse modo, a IA não deve ser vista como recurso distante, mas como aliada capaz de traduzir complexidade em simplicidade, além de ter potencial para mitigar a desigualdade, otimizando processos e melhorando o acesso a serviços públicos, como ressalta o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA).

Assim, se o celular é o dispositivo de comunicação mais comum entre a população, que ele seja também o principal canal de interação com o Estado. A tecnologia, quando pensada para as pessoas, contribui para a inclusão. É nessa inclusão que reside o futuro dos serviços públicos no Brasil.

(*) Especialista em Relações Institucionais e Governamentais da 1Doc, empresa especializada em soluções digitais para gestão pública. – E-mail: 1doc@nbpress.com.br

Foxconn entra no mercado de data centers

A Foxconn, que produz equipamentos eletrônicos para terceiros, anunciou que está adquirindo uma participação na TECO Electric & Machinery Co., visando passar a ter um papel importante na implementação de centros de dados para inteligência artificial.

Vivaldo José Breternitz (*)

A empresa taiwanesa, que tem fábricas no Brasil, busca replicar no mundo da IA o sucesso que vem tendo com a eletrônica de consumo. A jogada pode dar à Foxconn acesso a um mercado potencial de US\$ 1 trilhão em gastos de empresas com centros de dados nos próximos anos. A iniciativa a colocará em concorrência direta com gigantes como ABB, Siemens e Mitsubishi Electric.

Através de troca de ações, a Foxconn assumirá uma participação de 10% na TECO, empresa que começou como fabricante de motores, expandiu suas operações para áreas como veículos elétricos, armazenamento de energia e construção de centros de dados. A Foxconn, por sua vez, conhecida por ser uma montadora de iPhones e por ser uma parceira importante da Nvidia, produz também racks de servidores projetados para processamento de IA.

As duas empresas agora unem suas especialidades para, na prática, criar um "balcão único" para quem busca montar um centro de dados de IA.

A montagem de servidores de IA se tornou um tema central para a Foxconn, que busca diversificar suas receitas indo



além da fabricação de eletrônicos de consumo. Segundo a empresa, sua receita com servidores de IA dobrou no segundo trimestre do ano. A Foxconn também demonstrou sua disposição em atuar em novas áreas, como a montagem de veículos elétricos e a fabricação de semicondutores.

Gigantes da tecnologia, como Amazon, Microsoft e Google, já anunciaram planos de gastar bilhões de dólares apenas neste ano em centros de dados, um mercado que Foxconn e TECO estão visando.

As empresas afirmaram que têm como alvo o mercado de Taiwan e de outras partes da Ásia, além do Oriente Médio e dos Estados Unidos. As duas empresas destacaram sua presença nos EUA e disseram que planejam "expandir a manufatura americana e remodelar a cadeia de suprimentos global", segundo o que vem propondo o governo Trump.

Esperemos que esses planos, de alguma forma, beneficiem também o Brasil.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnjitz@gmail.com.

Conectividade: o pilar esquecido na expansão dos data centers

O avanço tecnológico no Brasil tem colocado os data centers no centro da nova economia digital. Mas para que cumpram esse papel com eficiência, é indispensável que estejam integrados a redes de conectividade modernas. Caso contrário, representam investimentos que não se traduzem em produtividade real.

Segundo o relatório IDC Latin America Data Center Trends 2025, o mercado brasileiro de data centers deve crescer a uma taxa média anual de 10,2% até 2027, impulsionado por investimentos em cloud computing, edge e IA. Só em 2024, mais de US\$ 1,6 bilhão foram destinados à expansão de data centers no país.

Mas esse crescimento vem acompanhado de um desafio técnico subestimado: a conectividade. A Anatel aponta que menos de 40% dos municípios brasileiros têm redes de fibra óptica com capacidade acima de 1 Gbps, o que limita a expansão segura e eficiente de ambientes de missão crítica fora dos grandes centros urbanos.

Além disso, o estudo "The Future of Data Centers" da Omdia, publicado em 2025, reforça que a principal causa de ineficiência em novos data centers na América Latina é a falta de infraestrutura de conectividade robusta — à frente, inclusive, da escassez de energia ou mão de obra especializada. Em um data center moderno, não basta ter energia redundante e uma climatização eficiente. É a capacidade de mover dados com rapidez, segurança e baixa latência que define o verdadeiro valor da infraestrutura.



Vladimir Timofeev/CNAVA

Sem redes ópticas subterrâneas, com rotas geograficamente distintas e capacidade escalável, os riscos são altos: indisponibilidade, perda de dados, downtime e impactos financeiros severos. Um levantamento recente da Gartner estima que o custo médio de uma interrupção não planejada em um data center pode ultrapassar US\$ 300 mil por hora — especialmente em setores como financeiro, varejo e telecomunicações.

Para evitar esses riscos, a solução está no que muitos não veem: infraestrutura de fibra óptica subterrânea, com engenharia dedicada para garantir resiliência e continuidade. Não se trata mais de um diferencial, e sim de um pré-requisito. A fibra não é um "acessório" — é o verdadeiro sistema circulatório do data center.

Essa abordagem permite suportar operações de edge computing, serviços em nuvem, plataformas de IA e streaming, mantendo a integridade e a performance mesmo diante de falhas ou desastres. O Brasil é uma potência em energia renovável: de acordo com a EPE (Empresa de Pesquisa Energética), 85% da matriz elétrica brasileira é composta por fontes limpas. Esse dado é um atrativo natural para grandes players globais — mas a vantagem energética perde força se os dados não trafegam com qualidade.

Investir em energia limpa sem garantir vazão digital é como construir uma rodovia sem saídas. É preciso que infraestrutura energética e infraestrutura de dados avancem em sintonia.

A conectividade precisa ser pensada desde o início de qualquer projeto de data center — ao lado de energia, refrigeração e segurança física. Não é uma etapa final, nem uma adaptação de última hora.

A economia digital brasileira depende de redes confiáveis, subterrâneas e resilientes. E o sucesso de qualquer data center, por maior que seja o investimento, está diretamente ligado à sua capacidade de se conectar ao mundo — com velocidade, segurança e escala.

Sem isso, o que se constrói não é um ativo digital. É apenas um espaço caro esperando para falhar.

(Fonte: Carlos Eduardo Sedeh, CEO da SAMM).

News @TI

130 vagas para o Programa Jovem Aprendiz

O Programa Jovem Aprendiz da Vivo 2025 está com um novo processo seletivo aberto. Ao todo, são mais de 130 vagas e, reafirmando o compromisso da companhia com a diversidade e a inclusão, metade delas será destinada a talentos negros e todas as oportunidades são elegíveis a pessoas com deficiência. O processo seletivo será 100% digital, e os interessados precisam ter entre 14 e 21 anos, além de estar

matriculados ou ter concluído o ensino médio regular. Pensando no desenvolvimento integral dos jovens, a Vivo preparou uma trilha de capacitação que valoriza a aprendizagem contínua, com ferramentas voltadas ao crescimento profissional e pessoal, além de promover a imersão na cultura da empresa (https://jovemaprendizvivo2025.com.br/?utm_source=imprensavivo&utm_medium=cliente&utm_campaign=vivo.01.2.apz_2025_aprendiz&utm_content=atracao).

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

ricardosouza@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410

Responsável: Lilian Mancuso

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,

468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.